CONHECIMENTOS UTEIS.

LEI PARA O PORTE DOS JORNAES.

568 Em virtude da Carta Lei do 1.º de julho do corrente anno, publicada na sua integra, em a terceira parte do numero anterior deste Jornal, os nossos Assignantes das Provincias, bem como os de outros Jornaes litterarios, já os recebem francos de porte.

Este facto é da mais alta importancia.

Isolado, parecerá de pouca monta; mas é o padrão que marca uma das victorias da intelligencia; é a expressão do preito e homenagem, que os mais elevados podêres de um reino prestam ao maior poder do mundo.

A imprensa, apezar da altura da sua missão e da magestade do seu sacerdocio, deve ser agradecida.

Ainda que devesse a si o que lhe concedem, ainda que a obra da sua emancipação fosse o fructo dos seus trabalhos, devia esquecer-se de tudo isso para cumprir um dever de gratidão, que ainda mais a engrandece.

A expressão do pensamento foi sempre combatida. Até os preconceitos lhe tolheram muitas vezes o passo, e sem má fé.

A doutrina do Evangelho, essa completa expressão do Verbo, foi tambem combatida, e, quando, ao som da voz dos Apostolos, se abriram as portas das cidades, para a conversão, elles agradeceram aos homens, o que só era obra de Deus.

Desde que a lei do porte dos Jornaes foi apresentada na Camara, sempre o louvor nos andou nos labios, quando escreviamos a seu respeito.

Poderemos ser muitas vezes os ultimos a censurar, mas esforçamo-nos em sermos os primeiros a louvar.

Quando o projecto parava na Camara dos Pares, dissemos em o n.º 17, tractando do assumpto. — «Que o facto da sua approvação significava para nós mais do que o seu resultado.»

Ainda hoje o repetimos.

Deu-se um passo no caminho dos melhoramentos da imprensa.

Eis-aqui o grande facto.

Saudamol-o, e agradecemos ao Governo e ás Camaras Legislativas o haverem accordado, com esta providencia, a esperança de vermos — no favor e premio, concedido ás lettras — uma prova solemne de que a civilisação entre nós póde ser uma realidade.

MELHORAMENTOS AGRICOLAS.

III.

569 Pondo de parte, como desnecessarias as questões, que se referem á propriedade, e, como extemporaneas, as que, directa ou indirectamente, dizem respeito ao credito agricola, ainda devemos separar destas nossas mui simples observações a parte pratica, ou a enumeração de todas as disposições, pelas quaes se deviam organisar os meios que apontamos, para em parte, melhorar a nossa agricultura.

Apezar de nos limitarmos aos tres pontos, em que já fallámos, ainda assim logo no primeiro são graves os embaraços, que se nos appresentam, para expormos o que a tal respeito se precisa.

A questão da instrucção publica é uma questão complexa: abrange immensos pontos, os quaes parece corresponderem se por meio de uma corrente electrica.

Não se póde tocar n'um sem que todos estremeçam.

Apresentamos como base do ensino agricola — o exemplo.

Accreditamos, que a instrucção pratica deve entrar pelos olhos; mas é mister que os olhos saibam e queiram vêr; é mister que a instrucção primaria os tenha amestrado.

Temos em caza a prova desta necessidade.

O desgosto promovido pelas nossas continuadas contendas politicas, e outras causas ligadas a esta, levaram para as provincias muitos proprietarios intelligentes.

Poderiamos citar exemplos, se não fossem bem conhecidos. Entre elles teem havido alguns que dotados de animo forte e perseverança constante, emprehenderam melhorar a cultura e simplificar lhe os methodos. Invoquemos o seu testimunho, para que nos digam quanto tempo se não tem passado sem que as praticas dessa especie de *quintas modelos* passem além das bellezas, que as separam de outras propriedades.

Sendo o esfôrço individual tão limitado, e influindo dentro de um circulo mui apertado, a esses esforços e só a elles se devem alguns melhoramentos, que sem outro auxilio se encontram em Portugal.

Os Municipios e as auctoridades administrativas deviam concorrer, para estudarem juntamente as necessidades agricolas de cada Districto do Reino, e os recursos, que ahi existem para as satisfazer.

Só depois de feito este inquerito, com audiencia de alguma delegação especial do poder central, é que se devia proceder ao estabelecimento das — *Quintas modelos* — ou eschólas praticas de Agricultura.

Estas instituições não são das que se traçam no papel mui symetricamente, e que depois se mandam correr por todo o reino, para sem variantes se estabelecerem em varias de suas partes.

As nossas circumstancias não permittem, que desperdicemos instrucção, a qual é para nós de maior valor do que o oiro.

O exemplo deve ensinar em cada Provincia ou Districto o que estiver de accordo com a sua posição topographica, com o clima e com a natureza do solo.

Bem sabemos que ha principios geraes que devem regular estas eschólas.

Não nos oppomos a que o seu ensino se repita em todas, como base commum ás varias applicações.

Fóra d'isto não se deve perder o tempo com repetições desnecessarias e inuteis.

Haverá sitios em que, para introduzir, por exemplo, a pratica de um instrumento agrario, será preciso, não só dal-o mas até facultar e emprestar a terra em que se faça a experiencia.

Onde fôr possivel, e isto acontece em grande parte do paiz, é mister ampliar e até começar a creação do gado, e o apuro e conservação das raças.

Este ponto exige, que o ensino da veterinaria, entre nós, tome um rumo differente do que leva.

Esta parte da nossa agricultura é a que vae correndo mais descuidada, e eivada de vicios e abusos.

Já em artigo separado dissemos o que era conveniente fazer; — agora só nos resta insistir, e confirmar as razões, que então appresentámos.

Desenganem-se, a carta do reino póde caber na cidade, tambem cabe na palma da mão; mas o reino, as suas nesessidades, os seus recursos não se juntam no Terreiro do Paço, em volta da estatua de El-Rei D. José.

Fazem as leis, sempre com o pensamento n'esta sultana, que no tempo do calor despede de si raios, que queimam, e que no inverno é triste, e anda sempre açoitada pelo vento das tempestades; e julgam ter feito tudo. Não é assim.

Se continuarem, a miseria da capital, a sua progressiva desmoralisação, hão de-lhe provar, que desperdiçaram, que não souberam aproveitar as fontes de prosperidade, que, por falta de cuidado, se vão sumindo pelas ferteis veigas incultas e pelas quebradas dos montes.

O ensino agricola, quanto á sua parte pratica que é a que está fóra das Academias e Universidades, deve estabelecer se em virtude do conhecimento exacto dos fins para que se destina cada um dos seus ramos.

Só um inquerito bem dirigido póde satisfazer a esta necessidade.

Depois convém dotar sem mesquinhez as instituições que se crearem.

Attendam a que não estabelecem plantas parasitas, como tantas que estão ha annos agarradas ás verbas do orçamento; pelo contrario os estabelecimentos agricolas, em toda a parte onde se teem creado, começam por fornecer abundantes meios, que auxiliam, desde a origem, o seu costeio, e que por fim até chegam a excedel-o.

E não largaremos este ponto sem fechar estas ponderações, que temos feito, com uma observação que vem a proposito.

Anda por ahi, ha muito tempo, uma questão insensata entre a theoria e a pratica.

Nem só no alcaçar das sciencias os sophismas e as falsas applicações de principios verdadeiros tentam demonstrar — que existe opposição de conveniencias, onde só existe harmonia de interesses, indispensavel e immutavel.

Os campos tambem serviram de thema á discussão.

O seu classico socego foi perturbado pelas palavras imperiosas dos doutores, e pelas imprecações dos que não os entendiam.

E com tudo, do lado dos que chamam rusticos ha muito mais razão do que lhes querem dar.

O que classificam como rotina, assenta ás vezes em certos principios tradiccionaes, fructos da verdadeira observação da natureza: os quaes não pódem regeitar-se sem perigo de ver cahir o novo edificio que se vae construir como se fôra um castello de cartas.

A rotina não deve ser destruida, mas unicamente convém encaminhal-a bem, esclarecel-a, e quando fôr mister substituir-lhe, com o auxilio do argumento irrevogavel da pratica, o que lhe leve vantagem por qualquer modo.

Quando se attende a todas estas considerações, quando se pesam bem as suas consequencias, confessamos que parece difficil a organisação do ensino agricola; mas quanto a nós, para a levar ao cabo, bastaria uma só coisa — a vontade — que parece faltar para tudo, quanto é de proveito real.

Na vontade está o fulcro em que póde assentar a força, que regenere Portugal.

Queiram, e não só este meio, mas os outros de que fallaremos hão-de melhorar em breve a nossa agricultura.

MEMORIA APPREZENTADA PELO CONSELHO DA ESCHÓLA NAVAL, PARA ESCLARECIMENTO E CONFIRMAÇÃO DO PROJECTO, QUE PROPÔE PARA A REFORMA D'AQUELLE ESTABELECIMENTO.

(CARTA.)

Sr. Redactor.

570 Pelo conhecimento que tenho, do quanto vivamente se empenha V. , em dar publicidade no seu jornal, a tudo o que póde favorecer os verdadeiros interesses do paiz julguei que lhe seria bem acceita a remessa que faço de uma Memoria, que acompanhou o projecto elaborado pelo Conselho da Eschóla Naval em 1847, para a reforma d'esse estabelecimento, em conformidade com o decreto de 7 de maio d'esse anno que ordenou ao Conselho Escholar a confecção d'aquelle trabalho.

A publicação das idéas, que levaram o Conselho a adoptar o systema que propoz, póde hoje ter uma vantagem d'occasião, visto que é possivel, que ainda n'esta Sessão seja discutido um projecto de lei, que o Governo appresentou á camara dos Srs. Deputados, para a reorganisação dos estudos navaes, projecto que assenta em bases totalmente diversas das que os meus collegas e eu adoptámos, e que nos parecem as mais competentes no importante objecto em questão.

Tendo o Exm.° Sr. Ministro da Marinha permittido a publicação do nosso trabalho, V. , acredito bem, reconhecerá o quanto val fazer conhecidas todas as idéas, que tendem a preparar para a solução de tão difficil problema, como é, o mais conveniente systema de educação, e instrucção dos officiaes da marinha de guerra. É assumpto em que as idéas mais contradictorias successivamente se teem disputado a preferencia; assumpto em que é forçoso conciliar, da possivel maneira, considerações e exigencias, em grande parte só adversas: e como se for escolhido o melhor systema, deve elle encaminhar o nosso paiz a reconquistar a importancia maritima, que póde e deve possuir, não será ocioso fazer publicar todas as opiniões, que possam esclarecer a materia, até sendo expostas com a exuberante extensão, com que são tratados alguns pontos na Memoria que remetto; desinvolvimento que se tornou necessario, não para provar sufficientemente o que nos pareceu verdade incontestavel, mas para vencer, a força de evidencia,

certos preconceitos, que entendemos vantajoso combater incançavelmente.

Certo das illustradas intenções e zelo de V. lisongeio me de não suppôr antecipado o agradecimento, que, desde já, envio a V. , pela publicação que solliciro.

Lisboa 5 de julho de 1848. De V. etc.

Daniel Augusto da Silva.

—

571 A organisação dos estudos navaes é uma questão grave e difficil, a respeito da qual as opiniões ainda não chegaram a um accordo definitivo entre nós, e por isso tem ella soffrido repetidas transformações, e tem sido discutida com principios, não só diversos, como muitas vezes contradictorios.

A importancia do assumpto, a difficuldade da solução, a disparidade das opiniões são outros tantos motivos, que impoem ao Conselho o rigoroso dever de entrar em todos os desenvolvimentos necessarios para esclarecer, e fundamentar os pontos principaes, em que assenta o systema, que propoz.

Toda a questão de reforma de um ramo qualquer de serviço publico comprehende tres partes; a sua necessidade, ou conveniencia; o systema geral de organisação; e as providencias secundarias por meio das quaes é realisado.

O Conselho seguirá tamb m este methodo no presente relatorio: começará por discutir a importancia e necessidade dos estudos navaes; passará a considerar os fundamentos do systema, que appresenta, e nessa analyse avaliará a importancia da despesa que requer a nova organisação, questão gravissima nas nossas actuaes circumstancias; e finalmente examinará uma por uma e pela sua ordem as disposições principaes contidas no projecto.

PARTE PRIMEIRA.

Importancia, e necessidade da instrucção theorica.

A arma de marinha sendo, poderia dizer-se, a mais scientifica de todas, é forçoso que aquelles, que se destinam a occupar n'ella uma posição eminente, adquiram os indispensaveis conhecimentos, que os devem distinguir do rotineiro, que só faz o que viu fazer, e incapaz por isso muitas vezes de distinguir o bem do mal; confiando quasi inteiramente na sua memoria, e quasi nada na sua intelligencia, e nos casos imprevistos, a que não occorreu circumstancia analoga na sua anterior experiencia, vindo a achar-se gravemente embaraçado, adopta inconsideradamente o primeiro arbitrio, que se lhe antolha, expondo assim a perigo imminente grande numero de vidas, e o valor material da embarcação que lhe foi confiada.

Que a instrucção scientifica é util a um official de marinha, e que lhe é indispensavel; é isto uma asserção cuja verdade se tem pertendido contestar. — Que muitos individuos, munidos apenas com as noções praticas adquiridas após muitos annos de embarque, sejam capazes de conduzir um navio de um porto a outro, e na occasião de combate, ou de outro qualquer perigo, desenvolvam uma honrosa coragem, são factos a que se tem querido dar a importancia de argumentos contra a necessidade da instrucção, e que provam sem duvida que esses officiaes praticos prestaram um util serviço, mas que nunca provaram, que o não desempenhariam mais cabalmente, se tivessem sido mais instruidos.

Se João Bart contribuiu singularmente para a gloria naval da França, ninguem deverá assegurar, que para ser affamado almirante, seja necessario, imitando essa excepção illustre, não saber lêr, nem escrever.

Entre o grande numero de homens que seguem a vida do mar, a immensa maioria é destituida de quasi toda a instrucção; mas n'essa multidão apparecem muitas vezes organisações raras, capacidades admiraveis, cuja notavel superioridade natural os faz surgir muito acima da mediocridade, e da ignorancia dos seus collegas; mas os phenomenos individuaes devem sempre ficar fóra dos principios geraes da organisação das sociedades; e seria um erro deploravel regular por essas raras excepções a reforma de um ramo qualquer de serviço publico.

Em Inglaterra, n'esse paiz em que se dá tanta importancia aos conhecimentos praticos, ha accesso a officiaes da armada da classe de simples marinheiros; mas ao mesmo tempo, em abono da opinião que defendemos, é de notar o pequenissimo numero de individuos, que chegam a tornar-se dignos de similhante concessão.

Á força de habitar muitos annos sobre as aguas, não ha duvida, que todo aquelle, que fôr dotado de uma razão clara, poderá ter observado a influencia, que esta ou aquella disposição do velame, da mastreação, do apparelho, e da carga podem ter sobre as qualidades de um navio; póde elle conhecer cada uma das manobras, que convem aos casos geraes, que tiver observado, e saber perfeitamente de cór a pratica das observações, e dos calculos da pilotagem; mas ao mesmo tempo não ha duvida tambem, que todas estas noções adquiridas penosamente em virtude de uma longa experiencia podiam ser previamente alcançadas com muita maior facilidade, e extensão, se esse official pratico houvesse sido competentemente educado; o official instruido não só conhece melhor aquillo que póde ter apprendido o rotineiro, mas saberá infinitas coisas, que a experiencia, ou não tem mostrado áquelle, ou lh'as tem apresentado em combinação com elementos heterogeneos, que lhe não permittem discriminar a idéa simples, que elle procurava.

A instrucção theorica preparatoria não só tem a vantagem de illuminar a experiencia com toda a lucidez da razão exercitada, e segura; tem ainda a grandissima utilidade de ensinar de um modo excessivamente mais rapido do que a simples pratica. — Seja-nos licito citar um exemplo em que esta verdade se torne bem evidente.

Todos sabem que muita gente do campo no ocio das noites longas, e serenas, e pela observação de muitos annos, chegam a perceber a translação annua do ceu estrellado, e a designar a hora, e o ponto do horizonte em que devem nascer, ou pôr-se as diversas constellações em todos os mezes do anno. — Estas noções tão imperfeitas, e que para aquelles individuos foram o resultado de uma larga experiencia, e de paciente e assidua observação, podel as ha adquirir qualquer pessoa, em bem poucas horas, munido de um bom livro de astronomia, e de uma esphera celeste.

A sciencia é muito mais, que um simples adorno;

é frequentemente um recurso importantissimo, que nos livra de abusões desgraçadas, de tentativas inuteis, e até de perigos imminentes. — Nada mais commum do que encontrar individuos que guiados só pelo seu talento natural veem mil veses naufragar os seus esforços contra uma empreza, que a instrucção theorica lhes teria declarado impossivel. — Sirvam de exemplo as interminaveis tentativas para achar a quadratura do circulo, ou o movimento contínuo, indagações, que unicamente são o emprego infructuoso de quem ignora a geometria, ou a mechanica.

Estas considerações teem uma applicação appropriada no assumpto de que especialmente tratamos; contribuem todas para demonstrar a importancia, e a necessidade da instrucção theorica dos officiaes de marinha.

Tendo elles começado a sua carreira por um bem combinado systema d'estudos, tiveram nelle occasião de reunir, discutir, e resolver todas as hypotheses principaes, que lhes deverão occorrer na sua vida maritima; e em poucos mezes attingiram a perfeita intelligencia daquillo que só alcançariam no fim de muitos annos, se fossem educados pela simples pratica. Nesta passa se muitas vezes tempo immenso, sem que um novo phenomeno venha despertar a attenção, e desenvolver a capacidade do official de mar; o ensino methodico tem em relação á instrucção puramente pratica a mesma importancia, que nas sciencias physicas possuem as experiencias em relação ás observações. — A pratica é um perceptor cujas licções, interrompidas por longos intervallos não se subordinam sempre ás necessidades da nossa instrucção. — A natureza transforma-se pelas condições da ordem physica, e não pelas conveniencias de um systema didactico. — É um vasto e riquissimo campo para toda a especie de instrucção, mas não a propria instrucção redusida a methodo, assim como uma bibliotheca não é um pedagogo.

É por isso que só apprende amplamente pela observação aquelle que sabe observar.

Breve como é a nossa vida, limitadas como são as nossas faculdades, é um notavel absurdo, é uma repugnante falsidade asseverar, que para uma profissão tam scientifica e tam difficil como a de official de marinha, o melhor systema de educação é não haver systema algum; é abandonar cada individuo ao impulso da sua curiosidade, e entregar aos annos o cuidado de lhe vir expôr aos olhos todas as coisas, que elle podia apprender, e profundar sufficientemente em pouco tempo.

A instrucção theorica preparatoria, sendo acompanhada dos convenientes exercicios praticos, necessarios para confirmar e desenvolver o que se apprendeu, conduz por tanto muito mais segura, e promptamente á acquisição de todos os conhecimentos que constituem a pericia do um perfeito official de marinha; os embarques que fizer ser-lhe hão muito mais proveitosos, porque possue os meios de bem discutir, e conhecer tudo quanto se offerece á sua observação. — A sciencia, por assim dizer, vivifica a pratica, e por isso nada ha mais rigorosamente logico do que affirmar, que só o official theorico é que póde vir a ser um consumado official pratico.

Muitos daquelles que a custo transigem com a idéa da utilidade de dar uma instrucção academica aos Aspirantes de marinha, por um retrocesso natural para uma preoccupação, que não querem abandonar de todo, esforçam-se em provar que a instrucção theorica deve ser a mais limitada possivel, e que se o não fôr, — não virão a ser habeis officiaes de marinha esses que se appresentam mais instruidos. — Aqui os que desse modo lidam por abater o mais possivel a instrucção ao nivel da rotina, procuram appresentar a sciencia como um medicamento venenoso, que sómente deve ser applicado em dóses minimas.

Em honra e desaggravo da sciencia, seja permittido dizer ainda mais alguma coisa sobre esta questão, por que cumpre luctar contra preoccupações, que desgraçadamente teem em sua defensa — não só os ignorantes.

Em primeiro logar importa designar bem precisamente todo o alcance, e utilidade do estudo das sciencias elevadas.

É uma verdade, que a totalidade das noções, que ellas ministram, não tem uma applicação continua na pratica maritima, e menos ainda em outras armas scientificas. — Porém não é essa unicamente a utilidade daquelle ensino. — O estudo, que requer contensão de espirito, habilitará a intelligencia a exercitar-se com segurança, até nas indagações difficeis; quem conseguir poder meditar com alguma profundidade, está mais habilitado a pensar com exactidão; a razão, que discutiu um ponto transcendente, vence mais promptamente uma difficuldade de segunda ordem.

Uma tal applicação a estudos elevados dispõe por conseguinte vantajosamente para ser rasoavel, e rigoroso na solução dos multiplicados casos, que offerece a carreira maritima, em que constantemente é necessario dispôr de uma razão segura. — Para o conseguir ninguem poderá negar, que deva ser de uma grande utilidade, ter previamente fortalecido a intelligencia com a discussão da variedade de phenomenos e de principios, que offerece á reflexão o estudo das sciencias.

E de mais, se a razão esclarecida e prompta é, como todos concordam, necessaria a um official de marinha, nenhum outro meio é mais proprio para escolher homens dotados dessa faculdade, do que sujeital os a uma prova superior mesmo ás necessidades usuaes da profissão, que tem a seguir.

(Continúa.)

NOTA AO MAPPA DO RENDIMENTO DAS ALFANDEGAS DE LISBOA E PORTO, DURANTE O ANNO ECONOMICO DE 1847 A 1848, PUBLICADO EM O NUMERO ANTERIOR.

572 No referido Mappa se comprehende, no rendimento, o agio das notas; a saber:

Alfandega de Lisboa	291:835$153
do Porto	234:375$450
	526:210$603

Rendimento total	4.275:328$265
Agio	526:210$603
Liquido	3.749:117$662

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXXI.

573 Desejava muito ter hoje comigo o Evangelho.

Desfolharia, sobre as suas paginas, os restos da flor da existencia queimada e desfeita por tantos padecimentos.

Em quanto fui feliz, muitas vezes folheei esse Livro.

Largas horas, a meditação me prendeu o pensamento ás suas paginas.

Dos labios dos Apostolos eu via que sahiam não só os preceitos do Divino Mestre destinados a produzir a felicidade do mundo; como tambem as palavras consoladoras que animam o homem, que, esmagado pelo pêso da Cruz, cahe no caminho doloroso, por onde a sua vida deve desaparecer da terra!

Todos os preceitos, todas as esperanças, que o Evangelho contêm, resumem-se na vida e morte do Redemptor.

¿Que melhor consolação para um homem que padece, que está quasi desesperando do mundo, do que a historia do quanto padeceu o que só por ser Deus não foi o primeiro dos homens?

Estes meus lamentos são mais um desejo, que devia ser satisfeito como todos quantos eu tenho.

Ha occasiões, em que o lêr conforta mais do que o escrever; mormente quando os olhos deixam cahir as lagrimas ardentes do desespêro sobre a historia da resignação suprema, com que o Salvador do Mundo soffreu o mais que se póde soffrer.

Bem podia nesta caza haver alguns livros proprios para mitigarem as dores da alma, que aqui se sentem, ou para levarem á alma perdida por entre as procellas de uma vida desregrada até ao porto seguro do proficuo arrependimento.

Era coisa que não custaria muito.

O dinheiro, que se despendesse para este fim, seria o mais bem gasto pelo Estado.

A livraria da cadêa seria um meio poderoso de instruir e de ensinar o povo.

Mas como se hão-de lembrar destas e d'outras coisas, se, em vez de ensinarem a lêr a tantos ignorantes, que aqui entram, abrindo-lhes assim os olhos para verem a santa luz da intelligencia, lhes deixam corromper ainda mais o coração nessa ociosidade quasi forçada a que os condemnam!

Tambem se no Limoeiro houvesse livros, haviam de vender a sua leitura como vendem tudo.

Se entre elles estivesse o Evangelho, a doutrina de Jesu Christo, á similhança do que aconteceu com o seu corpo, seria vendida por estes novos Judas.

Queria mandar saber de meu pae, mas não tenho com que comprar a charidade destes phariseus.

Não fazem caso do que lhes peço... do que lhes prometto.

¿E quem ha-de accreditar nas promessas do pobre, que além de ser pobre, está prêso, e que não póde contar nem com o recurso remoto da esperança?

Precisava... desejava lêr algumas paginas que me adormecessem na alma a consciencia do padecimento, unico vestigio que me resta da vida.

A doença de meu pae fez-me esquecer o meu processo.

Não penso n'outra coisa.

Ai! só agora me lembra de que talvez me mandem para o Porto, em quanto meu pae não melhora!

É tal a minha fatalidade, que assim ha-de acontecer.

Mal que a demora me convenha, logo ha-de acabar.

¿Como hei-de eu partir sem elle?

Como ha-de meu pae sobreviver a essa ausencia, que nem será adoçada por um abraço de despedida?

¡Meu Deus! permitti que me não mandem por em quanto para o Porto!

A ordem da minha partida poderia matar meu pae!

! Mata-lo ¡

¡Virgem Santa! que palavra fatal foi esta que a minha penna escreveu!

Meu pae não morrerá!.. não!..

A justiça de Deus não ha-de tolerar tão inaudita desgraça.

. . . . . .

Fogem-me a luz dos olhos e o sangue do coração.

Quando este receio se me apodera dos sentidos, nem as lagrimas, nem as orações me consolam.

Quero chorar, e parece que os olhos não teem lagrimas para tamanha dor.

Quero rezar, e não sei proferir as palavras das santas orações, que me ensinaram na infancia; e nem o pensamento atina com ellas, por que o véu

* Vem do n.º 31.

da morte lhe encobre tudo que não seja uma dessas apparições, que se teem na phantasia e nas quaes o cadaver, que desejamos roubar á sepultura, nos vem dar o ultimo adeus.

Não tenho forças para luctar com estes presentimentos aterradores.

São mais fortes que os recursos, que existem para os dissipar.

Durante a minha infancia, nessa épocha, de que ainda agora me recordei, não acreditava neste desengano, que só se aprende na extrema agonia de um prolongado soffrimento.

Ha dores para as quaes na terra se não encontra alivio nem remedio; se do céu não desce a esperança, se o poder de Deus não anima a fé que vacilla, o homem cahe no abysmo, em que só impéra o desespêro.

Não comprehendia eu isto, quando, em pequeno, m'o ensinaram.

Comprehendo-o agora, porque a triste experiencia me recorda as licções desse tempo, que, descuidadamente, se deixa voar por entre as mais fagueiras illusões.

A minha vida confirma tudo quanto me lembra desse periodo feliz.

Quando meu avô me via chorar, chamava por mim, tirava os oculos, com que auxiliava a vista para lêr algum livro antigo dos muitos, que lhe emprestavam, e conchegando a si o capote, em que sempre andava embrulhado, fazia-me sentar sobre os joelhos, e passando-me, amigavelmente, a mão pelo rosto repetia sempre o que elle chamava a sua historia, e dizia: —

«Não chores assim que tentas a ira de Deus. Não faltará tempo em que as lagrimas te sejam bem precisas. Cuida em não apressar, pelas tuas obras, essa quadra desafortunada... Nem só de lagrimas haverás mister, mas tambem de orações. É por isso que muitas vezes te chamo, para te ensinar a rezar... Um dia virá em que saibas quaes são as virtudes contidas no balsamo, que estas santas palavras encerram. Olha, Paulo, as orações são a imagem da fé... e a fé vence tudo. Fui soldado, rezei nas batalhas, e venci... fui ferido, rezei, e, como por milagre, levantei-me do leito, em que jazi por muitos dias depois de varado pelas balas... fui pobre, rezei e Deus remediou-me... amei, quizeram separar-me de tua avó... repudiaram o amor do homem honrado e valente só porque era pobre... rezei muitas e muitas vezes... e Deus humilhou os que eram poderosos, que empobreceram; e este braço, que ora estás vendo tremulo e quasi gelado pela morte, sustentou com o trabalho não só a mulher que o meu coração tinha escolhido, como tambem a sua familia, que os transtornos da fortuna tinham perseguido... Perdi, ha vinte annos, essa mulher, que de anjo, que era na mocidade, se transformou em santa com a edade... e ainda hoje rezo... e só as orações me dão animo para viver... Paulo, agora mesmo as lagrimas de teu avô te ensinam o para que ellas servem, e a oração que vaes recitar comigo, te ensinará que ainda perto da cóva as contas deste rosario derramam sobre o meu coração saudoso, o balsamo da esperança e da fé.»

E começavamos ambos a rezar.

Algumas vezes, minha mãe, que estava fiando a um canto da caza, e não despregava os olhos de nós, deixava cahir a roca, e de joelhos começava tambem a rezar.

Se meu pae vinha de fóra, descobria-se, e antes de pedir a bençam a meu avô, dizia enternecido pelo que via: «A paz do Senhor esteja sempre, como hoje, nesta caza.»

Meu avô ao findar o rozario dizia-me, olhando para minha mãe. «Alli tens a imagem do que eu chóro. E' uma santa, como sua mãe.»

E ficava depois horas esquecidas a balbuciar aquellas orações, que eram o seu viver e a prova da sua fé.

Antes de chegar a tam avançada edade, muitas vezes tenho necessitado de pôr em pratica as suas licções.

Os meus padecimentos teem chegado a ponto, que receio que um dia me faltem esses valiosos recursos.

Está dando meio-dia na Sé.

Cuidei que era mais tarde.

Tenho sempre estado a olhar para as grades a ver se chega aquelle bom pobre, que, uma vez por dia, me vem dar noticias de meu pae...

Chegou agora. *(Continua.)*

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA VIII.

FALIERO, ISRAEL.

574 FALIERO, *sentado.*

Que pedis?

* Vem do n.º 31.

ISRAEL.

Justiça!

FALIERO.

Justiça! — É vã palavra, não n'a intendem:
Viestes em má hora para obtel-a!
Enganaes-vos: não é propicio o instante.

ISRAEL.

Deve-o ser sempre.

FALIERO.

Tendes vós empenhos?

ISRAEL.

Mais d'um.

FALIERO.

Apoios? protecções?

ISRAEL.

Por certo:
Meu jus primeiro — depois d'elle o Doge!

FALIERO.

Um será desprezado, e, quanto ao outro,
Não ha muito que o foi. — O vosso nome?

ISRAEL.

É nome de plebêo, e culpa é isto!

FALIERO.

Talvez.

ISRAEL.

Mandaes?

FALIERO.

Peço.

ISRAEL.

Israel Bertuccio.

FALIERO.

Bertuccio?... Não conheço.

ISRAEL.

Ao pé do throno
Se nobre fôra já chegado houvera!

FALIERO.

Nas legiões servistes, porventura?

ISRAEL.

Mais d'uma vez.

FALIERO.

No mar?

ISRAEL.

Em toda a parte!

FALIERO.

Fostes bravo guerreiro?

ISRAEL.

Fui soldado,
E filho de Veneza!

FALIERO.

Com que chefes?

ISRAEL.

Com um que os val, a todos.

FALIERO.

D'um, é muito!

ISRAEL.

Não é.

FALIERO.

Quem foi?

ISRAEL.

Sois vós.

FALIERO, *depois de meditar.*

Agora... — é isso...
Agora me lembrei do vosso nome.
É verdade, Israel! — Ás minhas ordens
Com denodo e com gloria combatestes
Combatestes commigo...

ISRAEL.

Era outro tempo!
Triumphava-se então!

FALIERO, *alvoroçado.*

Em Zara!

ISRAEL.

Sempre!
Vós commandaveis!

FALIERO.

Dize; que procuras?
Falla ao teu general. — Se tens desgostos,
Contar-lhos vem, meu camarada antigo.

ISRAEL.

Então, Senhor... — Pois sim: queixar-me quero.
N'estas faces... — fizeram no, os maldictos!
Israel... — pelos céus e por seus santos!
Israel sem vingar-se, e redusido
A vir, com pejo, expor mesquinhas queixas!...
Perdão, meu general; mas eu não posso,
Não posso constranger-me. — Quem padece,
Quem soffre tem desculpa!

FALIERO.

Eu te desculpo
E devo desculpar. — Lembrar o insulto
É penal-o outra vez!

ISRAEL.

Outra?!... — isso nunca.
Outra vez passar eu por tal vergonha!...
Mal haja o dia aziago, em que, imprudente,
O vosso antecessor, que excedeis tanto,
Me fez, em premio do meu zelo antigo,
Director do Arsenal, patrão do porto!

FALIERO.

Era justo.

ISRAEL.

E com tudo, se não fosse
Este premio fatal, não viera agora
Contar-vos supplicante a minha offensa!
D'importantes trabalhos incumbido
Pelo Conselho. . — involuntario tremo!
Inda tremo, Senhor... de raiva...

FALIERO, *sorrindo amargamente.*

Intendo!

ISRAEL.

Attento vigiava no meu posto;
Sobrevem-me um Patricio; ordena ousado
Que ao desamparo, alli, por seu respeito
Das galés os concertos se abandonem;
E maltracta a meus olhos os que eu mando!
Corri a desculpal-os; que são todos
Meus amigos, e livres — por S. Marcos!
Homens d'alma, de esforço, uteis á patria!
Devia, acaso, por um nobre ocioso
Por seus desejos vãos privar d'um braço,
D'um que fosse — os trabalhos a meu cargo?
Devia? — Aconselhae-me.

FALIERO.

Não, por certo.

ISRAEL.

Pois elle... — Contra mim vibrou seu braço...
Não ser um ferro!...

FALIERO.

Ao menos inda vives.

ISRAEL.

Mas vil. — O ferro mata, a mão deshonra!
Marcar-me a face a mim!... — Só com dizel-o
Sóbe a arder-me no rosto o sangue todo,
Meu sangue — uns restos do que eu déra á patria!
Este sangue, este sangue, assim manchado,
Do rosto meu pulou, correu de novo,
Não pelo Estado, mas ás mãos de um nobre!
(Indica a face)
Eil-o, o infame signal! — O annel soberbo
Abriu-me n'este sulco a minha injuria!
Israel, mostra agora as cicatrizes:
Pagou-te a derradeira os teus serviços!

FALIERO.

E a affronta recebeste...

ISRAEL.

Sem pagal-a!
Eu respeito os meus chefes. — Sei que posso
Comprar a peso d'oiro um *Bravo* affoito
E apontar-lhe um punhal... — Não quiz; e disse:
« Livre sou — se me tractam como escravo
Para o meu general, meu cabo antigo,
Os direitos dos livres são sagrados:
Vou-me a seus pés, meu caso vou contar-lhe,
(Depois de breve pausa)
Vou justiça pedir... » — Justiça espero.

FALIERO.

Como hei-de dar-t'a eu, se não me é dada?!

ISRAEL.

Não vol-a dão? a vós! — Quem vol-o tolhe??...
Se eu fôra o Doge!...

FALIERO, *vivamente.*

Dize

ISRAEL.

Não sou nobre!

FALIERO, *ancioso.*

Vingáras-te!

ISRAEL.

Ámanhã?

FALIERO.

Pódes?...

ISRAEL.

Podéra-o,
Se fosse Doge!

FALIERO, *depois de pausa.*

Falla sem misterio

ISRAEL.

Quem falla perde — ganha quem se calla.

FALIERO.

Sabes que a morte posso dar n'um gesto;
Sábe-lo, e temes...

ISRAEL.

Sei — porém não temo!

FALIERO.

Porque?

ISRAEL.

Porque nos une o mesmo int'resse.
Vossa causa vingaes — eu vingo a minha!

FALIERO.

Então ligou-se alguem para alcançal-a:
(Depois de pausa)
De parte de quem vens?

ISRAEL.

Da minha. — Em summa.
Consentis em juntar nossos direitos,
E, para sustental-os, confundil-os?

FALIERO.

Antes de interrogar-te, não respondo!

ISRAEL.

Quem me interroga? — O Doge, ou vós?

FALIERO.

Faliero.
O Doge, esse acabou.

ISRAEL.

N'essa palavra
Tenho eu fé, meu Senhor. — Concordo: basta.

FALIERO.

Agora falla tu.

ISRAEL.

Se acaso o povo
Alça a fronte, ergue a voz e em fim murmura,
Do seu jugo cruel, do mal que o punge:
Se as vexações maldiz, sou eu que o vexo?

FALIERO.

Ah! conhece a final que tem direitos!

ISRAEL.

O exercito ha dois mezes não tem sôldo!
Se alguem lho for pagar, peitando astuto,
Bando venal dos nossos condottieri,
Posso eu ir impedil-o?

FALIERO.

Tendes oiro?!

ISRAEL.

Se alguns valentes cidadãos honrados,
Qu'inda restam — soldados d'outro tempo,
Do vosso — que ao despreso já deitaram;
N'uma alliança commum se juramentam,
Se á força a força oppoem — sou, porventura,
Para os ir entregar, algum patricio.

FALIERO.

Acaba.

ISRAEL.

Disse já.

FALIERO.

Só vejo indicios.
Depois? — o meio? — os cumplices? — teu plano?

ISRAEL.

Meu plano? é o vosso!

FALIERO.

Não n'o tenho.

ISRAEL.

Meios?
Meu valor, este ferro...

FALIERO, *rapido.*

E os mais tem ferros?
Onde os cumplices teus?

ISRAEL.

Nenhuns preciso?

FALIERO.

Nem um só?

ISRAEL.

Nem um. — Cumplices não conta
Quem vem pedir justiça?

FALIERO.

Os teus amigos,
Se preferes tal nome?

ISRAEL.

Serão vossos
Quando vós fordes seu.

FALIERO.

Quem! Faliero!...

ISRAEL.

Duvidaes?...

FALIERO.

É d'um chefe o mór segredo

Conceber com frieza, obrar com fogo.
Sem tudo avaliar, nada resolvo.
Espera-me o Senado. — Em paz te affasta;
Em pratica mais longa perigára
Co'a tua, a minha propria segurança!

ISRAEL.

Sem risco aos vossos paços não voltára...
Não vos espera o Senador Lioni,
Á noite, no saráu?... — Vou lá.

FALIERO.

E entrada
Te concede um Senhor?

ISRAEL.

Salvei-lhe a vida...
Não fiz bem — é mais um!

FALIERO.

Percebo agora.
Affavel no fallar, cruel nos actos,
Espirito sagaz, alma implacavel,
O Patricio Lioni, o rosto enchuto,
D'egual modo preside ao baile e aos tratos.
Suspeitoso, mas vão, almeja as honras
De lhano e popular... — Já não me espanta:
Convem-lhe: é natural que te receba.

ISRAEL.

Tem tido esse valor — prazer lhe causam
Do antigo marinheiro os dictos rudes;
E, na rude apparencia, ha muito o illudo.
Do leão de Veneza ás bronzeas fauces
Se fôra, um dia, recolher meu nome,
Sem suspeitar o nome alli deixára!

FALIERO.

Mas, apenas suspeita, logo os tratos...

ISRAEL.

Quaes elle os sabe dar, eu sei soffrel-os!

FALIERO.

Convences!

ISRAEL.

General, as vossas ordens?

FALIERO.

Pois eu hei-de ir expor-me aos olhos d'elles
N'um saráu, n'uma festa? — Hei-de ir tornar-lhes
Legitimo o despreso, com soffrel-o
Affrontado, insultado, hei-de ir eu proprio
Buscar meus inimigos?

ISRAEL.

Não: Contal-os,
Contar as vossas victimas.

FALIERO.

Espera:
Inda não decidi.

ISRAEL.

Agora, ou nunca:
Mais não posso esperar. — Uma palavra;
E parto para sempre, ou volto em breve.
Escolhei. — Que ordenaes? — Mandaes que volte,
E no illustre saráu a entrar me affoito?...

FALIERO, *hesitando.*

Mais tarde...

ISRAEL, *partindo.*

Nunca.

FALIERO, *rapidamente.*

Volta.

ISRAEL, *indo a Faliero.*

Á noite?

FALIERO, *depois de reflexão.*

Á noite!

(Israel sáe.)

FIM DO 1.° ACTO.

(Continúa.)

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES

DE 5 A 13 DE JULHO.

Diario n.° 157.

575 Annuncio do Ministerio do Reino de que se haviam concedido os seguintes privilegios exclusivos: —

Privilegio de introducção por um novo methodo de fabricar alvaiade carbonisando o chumbo por meio de acidos.

Novo systema e apparelho de fabricar gaz, extrahido de materias oleosas, sem empregar o carvão de pedra.

Machina portatil para irrigação e esgotação de terras, movida por vapor.

Melhoramento da navegação a vapor, substituindo ás rodas de pennas e ao parafuso, um outro systema que o auctor suppõe isento dos defeitos que áquelles se attribuem.

O primeiro privilegio é concedido por cinco annos; e os mais por quinze.

Dito n.° 158.

Conta da receita dos diversos cofres de Lisboa, no mez de junho de 1848 e da applicação que no mesmo mez tiveram as sommas á disposição do Governo.

Annuncio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, publicando uma participação do nosso consul no Egypto, que diz assim: —

«O commercio acha-se aqui, em decadencia de que não sahirá em quanto se não restabelecer a confiança na Europa. Infelizmente o horizonte politico, em vez de aclarar, vae escurecendo a ponto de que os commerciantes nos paizes estrangeiros recommendam aos seus negociantes aqui, que, para as suas mercadorias, prefiram a bandeira americana como neutral. O facto é que em caso de guerra maritima, a neutralidade dos Americanos daria um grande lucro á sua marinha mercante. A bandeira portugueza poderia considerar-se no mesmo caso; e pois que ella frequenta os portos principaes do Mediterraneo como todas as outras bandeiras, parece que conviria que ella se appresentasse aqui no Egypto, onde a exportação offereceria a grande numero desses navios neutros emprego vantajoso e conveniente.»

Relação dos numeros premiados da Loteria Nacional.

Termos de amortisação de Notas do Banco de Lisboa, feita pela Junta do Credito Publico, no valor de rs. 87:500$400.

Resumo Geral da amortisação das mesmas Notas até 3 de Julho corrente, no valor de rs. 558:512$500.

Dito n.º 159.

Estatistica do Tribunal do Thesouro Publico relativa ao 1.º trimestre do corrente anno.

Relação dos numeros premiados da Loteria Nacional.

Dito n.º 160.

Relação dos numeros premiados da Loteria Nacional.

Resumo geral do Lançamento da Decima e Impostos annexos do anno economico de 1844 a 1845.

Outro egual resumo do anno economico de 1845 a 1846.

Dito n.º 161.

Relação dos numeros premiados da Loteria Nacional.

Dito n.º 162.

Relação dos numeros premiados da Loteria Nacional.

FALLENCIAS EM FRANÇA.

576 O numero das declarações de quebras, no departamento do Senna, publicadas nos jornaes, durante o anno de 1847, chegou a 1292: no anno antecedente tinha sido de 912. O das annullações de contractos foi de 8, o das rehabilitações de 6, e o das condemnações de bancarrota 70.

N'estas 1292 fallencias, 252 pertencem aos negociantes de vinhos, botequineiros, e donos de casas de pasto: 55 aos constructores de edificios; 54 aos alfaiates da capital; e ás associações 14; no anno antecedente estas tinham sido de 85.

THEATROS DE LONDRES.

577 *Lucia de Lammermoor* já vae na sua quarta representação. Jenny Lind tem colhido immensos applausos, mormente quando se estreou no *Elisir d'Amore*. O segundo acto desta opera foi enthusiasticamente victoriado, sobretudo Lablache. Gardoni tambem o foi. *D. João*, e a *Cenerentola*, teem feito *furore* no theatro de Covent Garden. Os *Huguenotes* ensaiam se. Cedo subirão á scena.

Annunciou se um grande concerto de Berlioz.

A viagem do *Theatro Historico* e do Reportorio de Alexandre Dumas teve que soffrer alguns dissabores. A censura impediu a representação de algumas obras, taes como os *Mosqueteiros* por causa de Carlos I, e a *Rainha Margot*. *Monte Christo* só foi permittido, e por fortuna representou se duas noites, pois que logo na primeira noite foi assoviado e pateado. Com o fim de desvanecer este escandalo, o celebre tragico inglez, M. Macready, foi ter com o director da Companhia e dar-lhe todas as desculpas, pelo acontecido no theatro de *Drury Lane*. A policia interveio e levou aos tribunaes alguns perturbadores, porém isto de nada serviu, pois que nesta mesma noite a tempestade foi maior: em toda a parte se assoviava e pateava, até da rua.

O excellente pianista Hallé continúa na sua voga dos concertos. Já está justo para ir tocar ao theatro italiano, e ao oitavo concerto da Sociedade philarmonica.

NECESSIDADES DE REGAR AS RUAS MACADAMISADAS E OS PASSEIOS PUBLICOS.

578 Temos sempre sido muito reservados nas reclamações que se referem á Camara Municipal, porque temos perfeito conhecimento dos obstaculos com que lucta para desempenhar parte dos seus deveres. Até já muitas vezes respondemos com o silencio a varias queixas ou observações, que nos dirigem ao nosso escriptorio. O ponto de que vamos fallar é tão geralmente conhecido e são tão unanimes as reclamações, para que sobre elle se providenceie, que não podemos deixar de chamar a attenção da Camara sobre o espectaculo, que em as nossas costumadas tardes ventosas appresenta a cidade. A falta, que se nota em as ruas macadamisadas de não serem varridas a miudo, e a falta de regas fazem com que espessas nuvens de pó, venham representar uma scena do deserto no meio da capital de um reino. Sejam quaes fôrem os apuros financeiros, a Camara deve acudir a um facto, que mui directamente prejudica não só o commodo, mas tambem a saude dos habitantes do municipio.

SOCIEDADES COMMERCIAES.

579 Durante o anno de 1847 formaram-se em França 880 sociedades, e dissolveram se 610: no anno anterior tinham-se formado 1020, e dissolvido 567.

EXEMPLO LOUVAVEL.

580 Os carpinteiros que trabalham nas officinas do *embarcadoiro* do caminho de ferro de *Tours*, reunidos em sociedade, estipularam entre si o seguinte:

« Considerando que um grande numero de carpinteitos estão sem trabalho, e na impossibilidade de provèr aos meios de sustentar as suas familias, concordamos — que todo o operario, que trabalhe nestas officinas, não faça, de hoje em diante, mais do que oito horas de trabalho, a fim de permittir ao mestre da officina, o poder occupar comnosco os operarios, paes de familia, que não teem trabalho. »

THEATRO DE D. MARIA II.

581 Consta nos que se mandara pagar alguma coisa por conta do que se deve a este theatro.

Folgamos com a resolução, estimaremos que sirva de exemplo a outras; mas sentimos que a tardança que houve, nos privasse de admirarmos o Templo de Salomão de que já fallámos.

O nosso pezar foi minorado pela boa nova de que não sendo possivel por falta de tempo fazer os preparativos para o drama biblico, se lançára mão de um drama do Sr. Cascaes o — *Alcaide de Faro* — que subirá a scena no dia 31 do corrente.

Assistimos á representação do — *Pacto de amor* — traducção da Sr.ª Tallassi.

A traducção está corrente e em alguns pontos muito aprimorada. — O drama agradou. É uma excentricidade perfeitamente desenvolvida e que desde a primeira scena até á ultima captiva a attenção dos espectadores. Talvez em o numero seguinte seremos mais extensos a este respeito: por hoje não queremos tirar ao drama metade do interesse, revelando o seu enredo a quem ainda o não viu.

PRAÇA DE LISBOA.

12 DE JULHO.

582 Fundos publicos de 5 por cento, 44 a 45 por cento. — Acções do Banco de Portugal, 360$000. — Acções sobre o Fundo de Amortisação, 56 a 57; com os 7 e meio pagos 42 a 43 — Tres Operações, 20 a 22 em moeda metalica. — Papel moeda na mesma especie, 8 a 9. — Titulos azues tambem na mesma especie, 5 a 6 — Bilhetes para as Alfandegas moeda metalica, 95 a 96. — Desconto de notas, 45 a 46 por cento.

THEATRO DE ODESSA.

Lemos no Jornal *La Moda*, de *Milão:*

583 Este theatro está fazendo um verdadeiro prodigio.

A 26 de Abril se abriu a estação theatral, com os *Lombardos*, em cuja opera se estreou o baritono Bartolucci.

A 28 cantou-se a *Lucrecia Borgia*, na qual se estreou o joven tenor Bini, que foi estrondosamente applaudido.

A 2 de Maio representou-se a *Linda de Chomounix* estreando-se o baixo francez Bonnafous, que foi victoriado enthusiasticamente.

A 4 de Maio representaram-se os *Capuletos*.

Ensaiavam se já o *Barbeiro de Sevilha*, e a *Gemma*.

A prima donna Boldrini era alli esperada a todo o momento, bem como outras duas primeiras partes — uma prima-donna, e um basso.

NOTICIAS AGRICOLAS.

584 O calor intenso destes ultimos dias vae dando muito cuidado aos nossos lavradores vinhateiros.

A colheita do anno era em todo o ponto esperançosissima.

O que a este respeito nos constou do Douro era muito para estimar.

Temos á vista algumas cartas que manifestam os receios de que fallamos.

EXPEDIENTE.

— Recebemos com muito prazer a interessante e utilissima estatistica da Enfermaria da Cadêa da Cidade, pelo Sr. Guilherme Abranches. — Na confecção e remessa deste trabalho vemos mais uma prova do bem conhecido merito deste habil facultativo.

— Agradecemos a carta e a nota que a acompanha, ácerca de algumas Arvores e arbustos recebidos do Brazil. — Oxalá que todas as pessoas que se entregam ao estudo da Agricultura ou da Hortícultura praticassem como o Sr. Bento Antonio Alves, communicando ao publico por meio da imprensa o que em tal materia fosse util e curioso.

— O artigo ácerca de Estabelecimentos publicos para lavar roupa e para banhos, será publicado.

— A communicação que nos fez o Sr. Abbade Castro, será por nós mui brevemente aproveitada.

— Não foi possivel publicar hoje o artigo, Cavalheirismo de um rei portuguez.

Publicações recebidas — *A Epoca* n.º 1 a 3 — Jornal Litterario, redigido pelo Sr. João de Andrade Corvo e Luiz Augusto Rebello da Silva, ornado de estampas abertas em madeira. — Vende-se e assigna-se na rua Augusta n.º 8.

A Terceira ou o ausente visitando a terra natal, poesia do Sr. Francisco Jeronymo da Silva, segunda edição, correcta e augmentada. Além do merito já conhecido desta obrinha; é a mais elegante e formosa edição que se tem publicado em a nossa terra.

Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias de Lisboa, mez de julho. — Vende-se e assigna-se na rua de S. Roque, n.º 58.

Revista Popular, n.º 19.

ERRATA.

No artigo do n.º anterior. — *Dever de amizade* — o 1.º periodo deve lêr-se do seguinte modo:

A sombra do cypreste não cobre só o ultimo repouso d'aquelles a quem a historia escreve uma commemoração, ou lembrança sobre a pedra do sepulchro: tambem afaga, ao declinar do sol, as lagrimas, que a saudade de uma familia deixou impressas no tumulo, que lhe encerra as suas mais queridas esperanças.

E na 2.ª col. da ultima pag. lin. 4.ª em logar de — como ás relações de amisade a quem etc. — lêa se — como ás relações de amisade que nos ligam a quem etc.